

A NOIVA BRASILEIRA DE OSCAR WILDE OU GASTÃO CRULS, UM LEITOR DE ANDRÉ GIDE

Regina Salgado Campos*

RESUMO: Traduzido e comentado na França, Gastão Cruls é também um leitor de autores franceses. Trata-se aqui de analisar a recepção de *Oscar Wilde* (1901), de André Gide, pelo autor do conto “A noiva de Oscar Wilde” do livro *Coivara* (1920).

Além de leitor de autores franceses, Gastão Cruls (1888-1959) teve sua produção comentada e traduzida na *Revue de l'Amérique Latine* (1922-1932). Essa publicação francesa em fevereiro de 1926 e fevereiro de 1927 apresenta respectivamente seus contos “Flor do tabuleiro” e “A morte do saci” traduzidos por Clément Gazet, e em dezembro de 1929 “Biró”, por Mme. Picard-Loewy¹. Ainda em 1929, em setembro, Manoel Gahisto, na seção *La vie littéraire: lettres brésiliennes*, comentando “Les thèmes romanesques de M. Gastão Cruls”, refere-se às suas obras de ficção: *A Amazônia misteriosa* (1925), *Elza e Helena* (1927) e *A criação e o Criador* (1928)². O livro de Cruls de 1930, *A Amazônia que eu vi*, é comentado, entre outros, na crônica de Jean Duriau já em dezembro desse ano e será objeto de longa resenha de Manoel Gahisto, em janeiro de 1931³. É claro que a ambientação rural dos contos selecionados, bem como a região amazônica, com seu exotismo e estranhamento são motivo privilegiado de curiosidade para o leitor europeu.

Se Gastão Cruls foi traduzido, operou-se uma escolha dos textos a serem publicados por parte de uma revista como a *Revue de l'Amérique Latine*, que, ela também, tinha suas opções. Se privilegia a parte exótica da obra do brasileiro,

(*) Professora da Universidade de São Paulo.

(1) Esses contos pertencem a duas coletâneas: o primeiro a *Coivara* (1920) e os dois outros a *Ao embalo da rede* (1923), ambas publicadas pela Companhia Editora Nacional.

(2) Tendo como ponto de partida esse comentário, apresentamos no III EPILLE de Assis, UNESP, em setembro de 1993, uma comunicação “Leitores brasileiros de André Gide” onde estudamos a presença do autor de *Les Faux-monnayeurs* em *A criação e o criador*.

(3) Cf. Rivas, Pierre. *Encontro entre literaturas*. S. Paulo, Hucitec, 1995, p. 306, 309, 311. Os números dessa revista que aí são citados puderam ser consultados em São Paulo, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

ignora porém os modernistas brasileiros, suas realizações e pontos de vista, divergentes de suas opções. Ainda mais, deixa em segundo plano a leitura por Gastão Cruls, da obra de Gide.

Em contrapartida, vejamos agora como vai ser lido por Gastão Cruls o texto de André Gide composto “in memoriam” de Oscar Wilde, datado de 1901, um ano depois da morte do autor irlandês. Gide relembra seus encontros com Wilde tanto no norte da África como em Paris, antes e depois da prisão deste em Londres. O texto, inserido no livro *Prétextes*⁴, de 1903, terá uma edição em separado em 1910.

Em seu texto, Gide enfatiza o aspecto de “contador de histórias” de Wilde. Estabelece uma diferença entre conversar e contar: “Wilde ne causait pas: il contaît” (p.269), ou seja, “causer” pressupõe a intervenção e o comentário do interlocutor, enquanto “conter”, não. Como diz Gide, “Il n’écoutait jamais et prenait peu de souci de la pensée dès que ce n’était plus la sienne” (p.271). Porém esse ouvinte passivo pode ele também contar o que ouviu, exatamente o procedimento de Gide e... do narrador do conto de Cruls. Gide inclusive reproduz vários apólogos a ele contados nos encontros que tiveram. Além disso, não considera Wilde um grande escritor, mas alguém que falava muito bem e que vivia sua sabedoria, a exemplo dos filósofos gregos. Considera-se dos que mais avidamente o escutavam e acredita ter Wilde criado para si uma personagem exótica e irreverente:

“...habile à piper ceux qui font la mondaine gloire, Wilde avait su créer, par devant son vrai personnage, un amusant fantôme dont il jouait avec esprit” (p.269).

Como vemos, Gide leva em consideração dois “Wilde” ambos criações do autor: um Wilde “vrai personnage”, mas personagem, ainda que “verdadeiro”, e o “fantasma” de uso mundano. Gide nos fala do primeiro, pelo qual manifesta sua preferência, mas de quem se distingue pelo próprio procedimento de composição literária. Na parte I, transcreve uma conversa em que Wilde lhe pergunta o que havia feito no dia anterior. Gide lhe conta fatos da vida cotidiana e é a vez de Wilde intervir para dizer que, se tudo aquilo é verdade, não vê a necessidade de ser contado:

“Comprenez qu’il y a deux mondes: celui qui *est* sans qu’on en parle; on l’appelle *le monde réel*, parce qu’il n’est nul besoin d’en parler pour le voir. Et l’autre, c’est le monde de l’art; c’est celui dont il faut parler, parce qu’il n’existerait sans cela” (p.272).

A seguir Gide nos conta o apólogo ouvido de Wilde: um homem é admirado em sua aldeia pela histórias que conta. Quando lhe perguntam o que viu naquele

(4) Utilizamos para as citações: *Prétextes*. Paris, Mercure de France, 1938, p. 265-304. Texto não traduzido.

dia, fala de faunos da floresta e de sereias a beira mar. No dia em que de fato vê na praia três sereias que penteiam seus cabelos verdes com pentes de ouro e um fauno que toca flauta para que divindades da floresta possam dançar, nesse dia, de volta à aldeia diz que nada havia visto.

Ora, não é Gide o autor do famoso *Journal*, não é ele que, pelo fato de procurar registrar tudo o que lhe acontece, tenta assim evitar os efeitos da memória e, na busca de anulação do tempo entre o acontecido e o escrito, chegar mais perto... do vivido? Porém, consciente da possibilidade de existirem pontos de vista diversificados, opta pela primeira pessoa. Assume portanto a singularidade de seu enfoque e parece admitir assim a possibilidade de o mesmo fato ser visto por outro ângulo, ou melhor, a possibilidade de existirem outras versões, todas admissíveis. Em determinado momento de seu texto inclusive, em nota, Gide afirma não ter nada inventado, nem arranjado, pois tem presente as palavras de Wilde (p.286). E todo o texto, em primeira pessoa, pretende resgatar suas lembranças (fala de "souvenirs personnels"), em oposição aos que o conheceram mais e poderão escrever sua biografia ("raconter sa biographie" - admitindo portanto a biografia como "récit, conte").

Há ainda um ponto a ser destacado: no final da parte III, em que Gide relata sua visita a Wilde em Berneval, ao se despedirem, temos :

"- Ecoutez, dear, il faut maintenant que vous me fassiez une promesse. *Les Nourritures Terrestres*, c'est bien... c'est très bien... Mais dear, promettez-moi: maintenant n'crivez plus jamais JE.

Et comme je paraissais ne pas suffisamment comprendre, il reprenait: - En art, voyez-vous, il n'y a pas de *première* personne." (p.299)

Gide, portanto, distingue-se de Wilde ao escrever, não contar oralmente (não se considera um interlocutor interessante, sempre preocupado em assumir o ponto de vista do Outro e assim, por simpatia, aderir a seu ponto de vista, embora, entre amigos, faça leituras em voz alta) e sobretudo por privilegiar a primeira pessoa do singular.

Dentre os contos de Cruls reunidos na coletânea *Coivara*, de 1920, trataremos daquele intitulado "A noiva de Oscar Wilde"⁵. Embora ambientado numa confeitaria do Rio de Janeiro, são narrados fatos acontecidos "num sitiozinho nas proximidades de Petrópolis" e em Londres onde teria havido o encontro da tia de uma das personagens com Oscar Wilde.

Há uma alusão explícita ao texto de André Gide: um dos narradores tenta encontrar provas para o que pretende demonstrar, ou seja, a paixão de sua tia por Oscar Wilde:

(5) in *Contos reunidos*. Rio, José Olympio, 1951, p. 44-58. Vale destacar que só o título desse conto, vem entre aspas.

“Trata-se de um opúsculo em que André Gide, grande amigo de Wilde, nos conta alguns episódios da sua vida. Por ele sabemos que Wilde, durante a sua permanência em Berneval, após cumprida a sentença, falava com grande entusiasmo nos seus projetos literários, e dizia que só reapareceria em Paris, quando de novo se pudesse impor como ‘Rei da Vida’, por uma bela obra de arte.” (p.56)

De fato, o autor brasileiro resenha muito bem o texto de Gide. Depois de narrar na parte III sua visita a Wilde em Berneval, Gide encontra Lord Alfred Douglas em Paris (parte IV) e este lhe mostra a mais recente carta de Wilde e a lê. Diz Gide:

“Elle supplie Bosty de le laisser finir tranquillement son *Pharaon*, mais dit en effet que, sitôt cette pièce écrite, il reviendra, le retrouvera, - et termine par cette phrase glorieuse: ‘...et alors je serai de nouveau *le Roi de la Vie* (the King of Life)’” (p.300)

Portanto a carta não é transcrita e o que temos é o discurso indireto de Gide que apenas apresenta, ao final, a frase de Wilde, que é ainda retomada na longa exposição feita por Raul ao apresentar a Alfredo Roberval o autor irlandês: “...Wilde era de fato, como ele mesmo se gostava de chamar, o ‘Rei da Vida’, ‘the King of Life’...” (p.49)

A prova a que se refere o narrador do conto tem ligação com o que Gide nos apresenta na parte III, já que a tia em questão chama-se Isabel Slead de Andrade e Melo:

“Le lendemain il me mène dans une charmante petite maison (...). C’est là qu’il veut écrire ses drames: son *Pharaon* d’abord, puis un *Achab et Jésabel* (il prononce: *Isabelle*) qu’il raconte merveilleusement.” (p.298)

Vejamos o aproveitamento de tal detalhe no conto:

“Entre esses trabalhos, alguns ideados, outros já em execução, ele se referia com grande amor a um drama bíblico: *Achab e Jesabel*. Note-se uma nova coincidência. André Gide assinala que Wilde, ao invés de pronunciar Jesabel sempre dizia Isabel. Não seria ainda a nossa patricinha que lhe teria despertado a lembrança de tecer um drama em torno da bela e vaidosa Jesabel, do segundo livro dos Reis?” (p.56-57)

A ênfase “com grande amor” é acrescida ao texto de Gide. Note-se ainda que a caracterização “drama bíblico” para o título da obra, bem como a de Jesabel, ausentes do texto francês, provavelmente foram consideradas por Gide como dispensáveis para seus leitores.

Outra frase de Wilde, destacada por Gide e citada entre aspas na introdução: “J’ai mis tout mon génie dans ma vie; je n’ai mis que mon talent dans mes oeuvres” (p.266) e retomada em nota na transcrição de uma das últimas conversas com Wilde na Argélia (p.284)⁶, é assim introduzida no texto brasileiro, sem que haja referência a Gide:

“Lembremo-nos de que Wilde disse algumas vezes ter escrito apenas com talento, já que o melhor do seu gênio fora consagrado à obra de arte que ele trazia em si; e não nos admirará que o artista tivesse para a cambráia dos seus lenços cuidado igual ao que lhe fazia reclamar dos editores papel velino para os seus sonetos (...)” (p.49)

No conto brasileiro, o leitor é esclarecido sobre a personagem chave, Oscar Wilde, com uma longa dissertação sobre o escritor, descrito pormenorizadamente em seus hábitos e sua fama junto a seus fãs londrinos da época. É bem essa a impressão de Alfredo, ao resumir o que lhe havia sido contado:

“Tal foi o homem maravilhoso, ‘misto de Baco asiático e de Apolo grego’, figura ainda de ontem e já legendária pela glória - que eu vi aparecer ante mim, e que tão profunda impressão deve ter produzido no espírito formoso e sensível de D. Isabel.” (p.52).

Vejamos o que se encontra na parte I do texto de Gide:

“Certains le comparaient à un Bacchus asiatique; d’autres à quelque empereur romain; d’autres à Apollon lui-même - et le fait est qu’il rayonnait” (p.268)

A caracterização entre aspas da fala de Alfredo remete portanto ao texto de Gide, embora este atribua a “outros” tais possíveis caracterizações.

É na estrutura do conto, entretanto, que podemos observar uma leitura atenta dos procedimentos de Gide. Narrativa em primeira pessoa do singular, inicia-se com uma indagação a Raul sobre o motivo que o levou a dar a dois gatos o nome de duas personagens de Oscar Wilde. No parágrafo seguinte é que nos damos conta de que é agora que esse enunciador do discurso direto nos é apresentado. Ou seja: um narrador “eu” nos conta, a nós leitores, o que lhe foi contado (a

(6) Em seu texto autobiográfico *Si le grain ne meurt* (1926), Gide volta a referir-se à frase de Wilde: “C’est ce même soir qu’il m’expliqua qu’il avait mis son génie dans sa vie, qu’il n’avait mis que son talent dans ses oeuvres; j’ai noté ailleurs cette phrase révélatrice, qui depuis a été si souvent citée”. (Pléiade, p. 589).

ele e outros dois companheiros, reunidos “em torno à mesa de uma confeitaria”⁷, pelo “eu” do primeiro parágrafo, agora identificado como o poeta Alfredo Roberval, “que era sempre interessante em tudo o que contava” (além da característica de contador de histórias, o nome escolhido não nos parece gratuito). O que ele conta é a conversa que teve com seu amigo Raul, em convalescença em Petrópolis na companhia da tia Belinha, dona dos gatos, filha de pai inglês que, quando moça, em determinada data: “por meados de 1894”, vai a Londres visitar os avós e conhece Oscar Wilde. Quando da prisão do escritor, é mandada de volta para o Brasil, porém não se casa, sempre fiel ao amor europeu, cujo vestígio está na coleção de todos os livros de Wilde que guarda em seu quarto no Rio e nos nomes que deu aos gatos. Assunto tabu na família de Raul, como Alfredo conversasse muito com a tia, senhora culta e versada em literatura, o amigo lhe pede que evite tocar no nome de Wilde para não reabrir “uma ferida que o tempo vai cicatrizando” Concluído o relato, o narrador pergunta a Alfredo por que não “faria a sua estréia na novela aproveitando a história que nos acabava de contar”(p.57). Alfredo diz que pensou nisso mas foi dissuadido por Raul. Havia inclusive escolhido o título: *A noiva de Oscar Wilde*. Encontramos aqui a justificativa das aspas do título do conto de Cruls: trata-se de escolha feita por Alfredo e retomada, como citação, pelo narrador “eu” Estamos portanto diante de um conto onde alguém conta o que lhe contaram, sendo que por sua vez, Raul conta suas conversas e suas hipóteses na tentativa de elucidar o caso amoroso de sua tia.

Trata-se de uma composição bem gideana, a “mise en abyme”, já trabalhada por Gide desde sua primeira obra. Lembremos que os *Cahiers d'André Walter* (1891) reproduzem o diário do jovem Walter, que, impedido de se casar com a prima por promessa feita à mãe moribunda, rememora os tempos em que Emmanuèle é sua companheira de leituras e de exaltações místicas. Morta a prima, programa escrever um livro, *Allain*, que de fato não é escrito, pois o autor enlouquece e morre (na introdução a obra é apresentada como um livro póstumo) e o que o leitor lê é o livro de Gide que é constituído por todos esses fragmentos que têm em vista a redação de uma obra que não é escrita.

Também no caso do conto de Cruls temos: 1) a narração do fato e toda a investigação do sobrinho para tentar provar a veracidade da paixão da tia; 2) o ouvinte que bem poderia ter escrito a narrativa e não o faz convencido pelo amigo que morre cinco dias depois da noite em que conversaram e 3) afinal esse narrador em primeira pessoa que, este sim, escreve o conto, transcreve o que ouviu na confeitaria. Reproduz inclusive as interrupções de um outro ouvinte, “Genésio Pires, o mais novo da roda”, durante a narrativa, apressado, querendo saber a

(7) Compare-se a situação do narrador do conto brasileiro com a de Gide quando, depois de ouvir falar de Wilde, vem a conhecê-lo pessoalmente: “Un hasard heureux, ou plutôt un ami, me servit, à qui j'avais dit mon désir. On invita Wilde à dîner. Ce fut au restaurant. Nous étions quatre, mais Wilde fut le seul qui parla” (p. 269).

continuação do caso e sendo obrigado a ouvir reflexões e elogios a D. Isabel que descambam para generalizações: “E que vem a ter tudo isso com a história do casal de gatos que te revelou ‘o mais pungente drama de amor’?” (p.46), pergunta ele. Concluído o relato da conversa de Alfredo com Raul, o mesmo Genésio intervém: “Deixemos de sentimentalismos piegas e vamos ao jantar do Honório” (p.57). Como vemos, as reações variam: Alfredo conta empolgado a história que ouviu do amigo, mas não a escreve, o narrador, já que a transcreveu, deve tê-la considerado de algum valor. Mas, como há a referência a um quarto ouvinte, que não se manifesta, qual teria sido sua reação diante do relato ?

Concluimos, portanto, que Gastão Cruls, embora centre seu conto em Oscar Wilde, opta pela solução gideana de contrução de um texto em primeira pessoa, “en abyme”, desconsiderando a advertência e a característica dos relatos de Wilde, na versão que nos é apresentada por André Gide.

RÉSUMÉ: Traduit et commenté en France, Gastão Cruls est aussi un lecteur d’auteurs français. Il s’agit ici d’analyser la réception du texte *Oscar Wilde* (1901) d’André Gide par l’auteur du conte “La fiancée d’Oscar Wilde” qui intègre le recueil *Coivara* (1920).